
el escritor y el artesano

JORGE AMADO

TOMADO DEL LIBRO: TENDA DOS MILAGRES

Na tenda de Agnaldo, as madeiras de lei – o jacarandá, o paubrasil, o vinhático, a peroba, o putumuju, a maçaranduba – se transformam em oxês de Xangô, em Oxuns, em Iemanjás, em figuras de caboclos, Rompe-Mundo, Três Estrelas, Sete Espadas, as espadas fulgurantes em suas mãos poderosas. Poderosa a mão de Agnaldo: quando já lhe desfalece o coração condenado pela doença de Chagas (nesse tempo a moléstia fatal nem nome ainda possuía, era apenas a morte lenta e certa), as mãos infatigáveis criam orixás e caboclos e eles possuem um mistério, ninguém sabe o que seja, como se Agnaldo, tão perto de morrer, lhes transmitisse um sopro imortal de vida. São inquietantes personagens, recordam ao mesmo tempo seres legendários e pessoas conhecidas. Certa ocasião, um pai-de-santo de Maragogipe lhe encomendou um Oxóssi, o grande caçador; mas não de arco e flecha e sim de espingarda. Era um Oxóssi diferente: sendo com certeza aquele mesmo rei de Ketu e dono da floresta, mas parecia com Lucas da Feira, com bandido do sertão ou cangaceiro, com Besouro Cordão de Ouro:

101

*“Besouro antes de morrer
Abriu a boca e falou
Meu filho não apanhe
que seu pai nunca apanhou.”*

Assim viu Agnaldo a Oxóssi e assim o fez: de chapéu de couro,

peixeira e espingarda e na ba do chapéu a estrela do cangaço. O babalorixá o recusou, profana image: Oxóssi permaneceu a guardar a tenda muitos meses até que un dia um viajante francés ali esteve e, ao vê-lo, logo por ele ofereceu um bom dinheiro. Segundo dizem, foi parar num Museu, em Paris. Contam muita coisa no território livre.

Nas mãos de Mário Proença, um cidadão franzino, mulato quase branco, as folhas-de-flandres, o zinco, o cobre são espadas de Ogum, leques de Iemanjá, abebés de Oxum, paxorôs de Oxalá. Uma grande Iemanjá em cobre é a insígnia de sua oficina: Tenda da Mãe-d'Água.

Mestre Manu, encardido, fero e cafuringa, de palavras exatas e exigente natureza, forja em sua fomalha o tridente de Exu, os múltiplos ferros de Ogum, o teso arco de Oxóssi, a cobra de Oxumarê. No fogo e nas mãos violentas de Manu nascem os orixás e seus emblemas. Nasce a escultura, das mãos criadoras desses ileitrados.

Assentado nas Portas do Carmo, mestre Didi trabalha com as contas, as palhas, os rabos de cavalo, os couros: vai criando e recriando ebiris, adês, eruexins e erukerês, xaxarpás de Omolu. Seu vizinho é Deodoro, mulato de estridente gargalhada, especialista em atabaques, de todos os tipos e nações: nagô e gêge, angola e congo, e em ilus da nação ijexá. Fabrica também agbês e xerês mas os melhores agogôs são de Manu.

Na Rua do Liceu, numa porta de prosa alegre e franca o santeiro Miguel faz e encarna anjos, arcanjos e santos. Santos católicos, devoção de igreja, a Virgem da Conceição e Santo Antônio de Lisboa, o arcanjo Gabriel e o Deus Menino – qual então o parentesco a ligá-los assim intimamente aos orixás de mestre Agnaldo? Há entre esses eleitos do Vaticano e aqueles curingas e caboclos de terreiro um traço comum: sangues misturados. O Oxóssi de Agnaldo é um jagunço do sertão. Não o será também o São Jorge do santeiro? Seu capacete mais parece chapéu de couro e o dragão participa do jacaré e da caapora de reisado.

De quando em vez, quando lhe sobra tempo e lhe palpita o coração, Miguel esculpe, para eu prazer, uma negra nua, na força do dengue, e a oferece a um amigo. Uma delas saiu o retrato da negra Dorotéia, sem tirar nem por: os seios altos, a bunda indômita, o ventre em flor e os pés redondos. Quem poderia merecê-lasenão Archanjo? Não acertou, no entanto, fazer Rosa de Oxalá, não conseguiu “aprender sua pabulagem”, como ele dizia.

Prateiros trabalham os metais nobres: a prata e o cobre se revestem de uma sóbria beleza em frutas, peixes, figas, balangandãs. Na Sé e na Baixa dos Sapateiros tocam o ouro e ei-lo virado em colares e pulseiras. O mais afamado dos prateiros foi Lúcio Reis; o pai, competente lusitano, lhe ensinou o ofício mas ele desprezou as filigranas pelos cajú, abacaxis, pitangas, pinhas, figas de todos os tamanhos. Da negra Predileta, sua mãe, herdou o gosto de inventar e inventou brincos, broches, anéis – hoje valem fortunas nos antiquários.

Nas barracas de folhas, os obis e os orobôs, as mágicas sementes rituais, somam-se à medicina. Dona Adelaide Tostes, esporrenta, boca suja e zarra na cachaça, conhece cada conta e cada folha, sua força de ebó e sua quizila. Sabe das raízes, das cascas de pau, das plantas e capins e de suas qualidades curativas: alumã para o fígado, erva-cidreira para acalmar os nervos, tiririca-de-babado para ressaca, quebra-pedra para os rins, capim-santo para a dor de estômago, capim barba-de-bode para levantar cacete e ânimo. Dona Filomena é outra sumidade: se lhe solicitam e pagam, reza e fecha o corpo do cliente contra o mau-olhado, e positivamente cura o catarro crônico, o mal de peito, com certa mezinha de mastruço, mel, leite e limão e não se sabe o quê. Não há tosse, por mais convulsa, que resista e agüente. Um médico aprendeu com ela uma receita para lavar o sangue, mudou-se para São Paulo e enriqueceu curando sífilis.

Na Tenda dos Milagres, Ladeira do Tabuão, 60, fica a reitoria dessa universidade popular. Lá está mestre Lidio Corró riscando milagres, movendo sombras mágicas, eavando tosca gravura na madeira: lá se encontra Pedro Archanjo, o reitor, quem sabe? Curvados sobre velhos tipos gastos e caprichosa impressora, na oficina arcaica e paupérrima, compõem e imprimem um livro sobre o viver baiano.

Ali bem perto, no Terreiro de Jesus, ergue-se a Faculdade de Medicina e nela igualmente se ensina a curar doenças, a cuidar de enfermos. Além de outras matérias: da retórica ao soneto e suspeitas teorias.

